
**MODERNIZAÇÃO E AGROECOLOGIA: CORRELAÇÃO E
(RE)EXISTÊNCIA CAMPONESA NO OESTE PARANAENSE E AGRESTE
PERNAMBUCANO (1990-2009)**

Marli Teresinha Szumilo **SCHLOSSER***

RESUMO: Este trabalho resulta das leituras e atividade de campo que envolvem o pós-doutorado sobre o tema da modernização, mídia, fronteira agrícola e (re)existência camponesa no Oeste do Paraná e no Agreste de Pernambuco, de 1990-2009. O objeto da correlação do estudo deter-se-á, de modo particular, sobre a Fundação da Associação AMA Terra de Gravatá - Associação de Agricultores e Agricultoras de Orgânicos de Gravatá e a Acempre – Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos, do Núcleo Oeste, de Marechal Cândido Rondon. A reinvenção das práticas camponesas é fortalecida no seio do associativismo da AMA Terra e da Acempre. Os camponeses dessas associações praticam o cultivo orgânico/agroecológico, estabelecido na sua (re)existência e na eliminação do atravessador.

Palavras-chave: Agroecologia. Associativismo. Modernização. (Re)existência.

RESUMEN: Este trabajo sigue las lecturas y trabajos de campo con el post-doctorado en el tema de la modernización, los medios de comunicación, la frontera agrícola, y (re) la existencia campesina en el oeste de Paraná y en el interior de Pernambuco, desde 1990 hasta 2009. El objeto del estudio de la correlación se mantenga, en particular, sobre la Fundación de la Tierra Gravatá Asociación AMA - Asociación de Agricultores y los agricultores orgánicos y Acempre - Central Asociación de Agricultores Ecológicos de la División Oeste de Marechal Cândido Rondon. La reinvencción de las prácticas es reforzar las asociaciones de campesinos dentro de la AMA Tierra y Acempre. Los campesinos de estas asociaciones de agricultura orgánica práctica / agroecología fijado en su (re-) la existencia y la eliminación de los intermediarios.

Palabras clave: Agroecología. Asociaciones. Modernización. (Re) existencia.

ABSTRACT: This work results of reading and activities of camp that involve the pos doctored about a theme of modernization, media, agricultural frontier resistance and existence farmer at west of Paraná and Agreste of Pernambuco, 1990-2009. The object of correlation of study will hold, in a particular way, about the Foundation of Association AMA Earth of Gravatá – Organic farmers association of Gravatá and Acempre - Central Association of Rural Producers Ecological Center West, of Marechal Cândido Rondon. The reinvention of rural practice is strengthened with the association of AMA, earth of Gravatá and Acempre. The farmers of this association practice the cultivation organic/agroecology, established at them resistance and existence and at elimination of Crossing.

Keywords: Agrecology. Associativity. Modernization. Resistance and Existence

1. Introdução

O modelo agrícola brasileiro segue articulado aos interesses capitalistas, que tendem a otimizar o cultivo seletivo de determinadas culturas (soja, milho, etc.) e fortalecem o setor industrial, que produz maquinários e insumos. A modernização agrícola (agricultura industrial, atualmente nominada de agronegócio) em parte apresentou crescimento econômico no país, mas trata-se de um avanço complexo e contraditório, pois elevada parcela da população não desfrutou desse “desenvolvimento”. A consolidação do modelo ampliou a concentração da terra, a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto, impactos socioambientais, produzindo alimentos com qualidade duvidosa, domínio das sementes e perda da biodiversidade. Esse

* Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Marechal Cândido Rondon.

contexto convoca pesquisadores, camponeses e consumidores a buscar alternativas para reduzir os problemas gerados com a modernização/especialização agrícola.

A proposta de pesquisa deste artigo resulta das leituras e atividade de campo que envolvem o pós-doutorado sobre o tema da modernização, mídia, fronteira agrícola e (re)existência camponesa no Oeste do Paraná e no Agreste de Pernambuco, de 1990-2009. Estabeleceu-se contato, portanto, com a produção científica de pesquisadores que estudam o Agreste Pernambucano. Para tanto foram realizadas entrevistas temáticas sobre o cultivo de orgânicos em Brejo de Altitude (com precipitação pluviométrica elevada), na comunidade de São Severino de Gravatá. No trabalho investigativo foram observadas as manifestações locais, os saberes, os costumes, a solidariedade e as tradições.

O objeto da correlação do estudo deter-se-á, de modo particular, sobre a Fundação da Associação AMA Terra de Gravatá - Associação de Agricultores e Agricultoras de Orgânicos de Gravatá. Essa Fundação se localiza em São Severino, Comunidade de Gravatá. O estudo comparativo da modernização e da diversificação agrícola entre o Agreste pernambucano e o Oeste paranaense requer, ainda que de modo preliminar, a delimitação e a caracterização das áreas. A região Agreste é intermediária entre a zona da Mata e o Sertão. A característica em destaque dessa região é a economia diferenciada com o cultivo da mandioca, do feijão, do milho, de hortaliças, de frutas e a pecuária de leiteira e de corte. O Agreste é dividido em seis microrregiões: Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca, Alto Capibaribe, Médio Capibaribe, Garanhuns e Brejo Pernambucano. A delimitação para estabelecer o comparatório envolverá o município de Marechal Cândido Rondon, no Extremo Oeste do Estado do Paraná e o município de Gravatá, situado na microrregião do Vale do Ipojuca, em Pernambuco. Em Gravatá cultivam-se hortaliças orgânicas e se pratica pecuária (bovinos e caprinos), sendo que, na comunidade estudada (São Severino de Gravatá), os agricultores orgânicos cultivam verduras, frutas, ervas, e criam galinha de capoeira.

A perspectiva teórico-metodológica adotada para estabelecer a correlação entre as associações fundamenta-se na agroecologia. Essa ciência

[...] se constrói por meio da sinergia entre diferentes formas de produção de conhecimento, estabelecendo as dinâmicas sociais de desenvolvimento local como dispositivo metodológico central para a criação de ambientes de interação entre pesquisadores e agricultores. (PETERSEN, 2009, p. 11).

Marechal Cândido Rondon localiza-se na microrregião de Toledo, Extremo Oeste do Terceiro Planalto Paranaense. O município caracteriza-se pelo predomínio de pequenas propriedades e grande parte dos camponeses estão ligados a associações e ao cooperativismo. Os produtos cultivados com maior predomínio são a soja, o milho e a mandioca, hortaliças e frutas. Destaca-se também a incorporação do cultivo orgânico, consolidado, fato que poderá fomentar trocas de experiências e intercâmbios entre o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa), a Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos Núcleo Oeste (Acempre) e o AMA Terra de Gravatá.

2. Associativismo e Agricultura Camponesa: São Severino De Gravatá

Os camponeses de ambas as associações, apesar de serem negados/penalizados, devido aos incentivos federais e estatais insuficientes, continuam resistindo ao processo modernizador, motivador de fora para dentro das mudanças substanciais técnico-científicas da especialização e da disseminação e dependência do consumo de insumos. Altieri (1989, p. 39), reportando-se às consequências da modernização, diz: “[...] isto reduz a diversidade de estratégias de subsistência viáveis às famílias rurais [...]”.

Na Comunidade de São Severino, os camponeses produzem para o autoconsumo e os excedentes (frutas e verduras) são comercializados diretamente ao consumidor nas feiras. A organização dos camponeses afasta a especulação do intermediário e reduz a dependência com mercados externos e, assim, a agricultura camponesa é mais autossuficiente. O contato entre

camponeses e consumidores nas feiras resulta em aproximação, pois boa parte dos camponeses conhecem os consumidores por nome e por profissão. Decorre, portanto, que as “[...] formas associativas [...] que fortaleçam a capacidade de intervenção dos atores sociais como protagonistas dos processos de desenvolvimento rural sustentável” (GUTERRES, 2006, p. 115).

A comunidade enfrenta dificuldade para retirar a colheita da lavoura e transportar as hortaliças e frutas até o ponto de coleta, que é feito por um ônibus custeado pela prefeitura e pela associação AMA Terra. Os camponeses são transportados nesse ônibus até os locais das feiras. Esta questão é destacada na fala que segue: “[...] só mesmo o transporte, o transporte que dá muita dor de cabeça na gente [...]” (SILVA, Maria de Fátima 2009).

No inverno a produção é menor, portanto, para os camponeses que plantam em pequenas áreas, em alguns casos em propriedades emprestadas, sem o auxílio da prefeitura, que custeava metade do transporte, inviabilizaria a participação desses camponeses da feira. De modo geral, observou-se, nas entrevistas, entusiasmo em lidar com a terra, plantas e o contato com os frequentadores da feira. A forma de cultivar (consorciada) a terra afasta-se do modelo extremamente acumulador de riqueza e não é acelerada pela expectativa de retorno imediato do capital investido. Os camponeses consideraram os limites ambientais, sociais e não estão endividados. A inteiração entre os camponeses no decorrer da feira é forte, pois a feira tornou-se lugar de comercialização e de socialização de ideias: “[...] lá na feira acontece a todo instante, um vai pra banca do outro, quando não tem freguês, um fica jogando conversa pro outro, [...] se não tem mais produto bota na banca do que não tem [...]” (SILVA, Maria de Fátima 2009).

O associativismo é vivenciado na prática: “[...] e melhor vive no conjunto [...] a gente troca muitas ideias, aprende muita coisa nova [...]” (SILVA, Maria de Fátima 2009). A articulação local da comunidade territorializa as estratégias que concretizam “[...] sonhos e aspirações a partir da produção de forma auto-sustentável e com respeito às culturas locais, estimulando formas de cooperação para a industrialização e comercialização direta dos produtos aos consumidores” (GUTERRES, 2006, p. 128).

Na comunidade de São Severino de Gravatá se observou, em particular, o forte apego à terra. Isso ocorre juntamente com a necessidade de alguns camponeses, que dependem do desbloqueio de recursos (políticos/econômicos) e de mais espaço para ampliar os seus potenciais. A partilha da terra implicou, em alguns casos, a redução da área cultivada, inviabilizando a permanência de animais na propriedade. Valdomiro da Silva possui uma jumenta, animal utilizado para transportar a colheita. Na ocasião em que foi realizado o trabalho de campo, a jumenta estava prenha, por este motivo foi cercada de cuidado. O camponês a colocou num cercado com cobertura e bastante alimento. Informou que não poderá ficar com o filhote, pois a terra é emprestada e trata-se de uma área muito pequena (aproximadamente um hectare). Detalhes na fala de Valdomiro: “[...] eu uso pra transporta de lá pra cá, porque é muito longe [...] só na época do verão, no inverno não faço isso, não porque eu tenho dó da bichinha, é muito liso, [...] o filhotinho [...] quando fica maiorzinho tem que vendê [...] porque não tem espaço pra criar [...]” (SILVA, Valdomiro, 2009).

Dessa limitação de espaço decorre a necessidade de uma parcela importante de camponeses terem de comprar esterco para compostagem, pois, sem espaço para criar animais, isso limita a produção de esterco na propriedade. Consequentemente, quando o acesso aos recursos é dificultado e a conversão desarticulada, esse contexto assimétrico resulta nas condições mínimas de reprodução, que gera a expropriação dos jovens. De acordo com Ploeg (2009, p. 27):

A resistência reside nos campos, na forma como o bom adubo é preparado, as vacas nobres são cruzadas, as propriedades bonitas são construídas. Por mais ultrapassadas e irrelevantes que essas práticas possam parecer quando consideradas isoladamente, no atual contexto, elas têm cada vez mais assumido o papel de veículo pelo qual a resistência se expressa e é organizada.

Em Gravatá, a resistência reside na criação de novas unidades camponeses em terras improdutivas que se tornaram assentamentos (Perseverança e Várzea Grande). A resistência

passou de reação para ação, pois nos assentamentos a AMA Terra firmou representantes da associação e, aos poucos, conquistou novos adeptos ao cultivo orgânico. Os mecanismos de resistência e a luta por ampliação da autonomia firmam-se na condição autogerida dos recursos sociais e naturais como “[...] conhecimento, redes, força de trabalho, terra, gado, canais de irrigação, terraços, esterco, cultivos, [...]”. A terra constitui pilar central dessa base de recursos, não só do ponto de vista material, mas também simbólico” (PLOEG, 2009, p. 19).

O preparo da terra é feito com o auxílio da enxada, portanto, por tratar-se de pequenas áreas, não é empregado o uso intensivo de combustíveis fósseis, a compactação do solo é evitada e a movimentação profunda. Os agricultores associados da Acempre utilizam enxada, pequenos tratores e trabalham o solo com a enxada rotativa, regulam o equipamento oscilando a profundidade anualmente e a rotação do equipamento, para evitar a compactação e movimentação excessiva do solo. A manutenção do equipamento geralmente é simples, pois as peças são trocadas na propriedade meso. A mecanização é usada em algumas operações, sem perder de foco os parâmetros agroecológicos. A mão de obra é da família e só esporadicamente se contratam trabalhadores externos à propriedade. Para Weid (2009, p. 50),

Os custos energéticos da excessiva transformação pela qual os produtos alimentares passam entre as lavouras e pastos e a mesa do cidadão também condenam o modelo *fast food*. Em uma sociedade espartana em uso de energia, os circuitos alimentares deverão aproximar ao máximo produtores e consumidores, assim como evitar a excessiva industrialização dos alimentos.

Em São Severino de Gravatá, por causa da inclinação dos terrenos, os canteiros são ordenados transversalmente, para evitar a erosão. Também se implementou a preservação permanente dos agentes biológicos, como: vegetais/camada protetora, formigas e minhocas. Assim, a biodiversidade do solo é com frequência renovada. Valdomiro, que aplicava insumo e adotou o cultivo orgânico, considera: “[...] muito péssimo [...] o que a gente lucrava no [...] dinheiro não dava pra compra nem o adubo, nem o veneno, [...] muita gente [...] vivendo uma situação que só Deus que sabe [...]” (SILVA, Valdomiro, 2009)

A não utilização de produtos químicos contribui significativamente com as atividades constantes desempenhadas pelos agentes biológicos e o resultado é um sistema equilibrado. A adoção de planejamento e de tecnologia de manejo sustentável na produção orgânica favorecem os associados (AMA Terra e Acempre) com melhores preços. Os produtos orgânicos são predominantemente comercializados “in natura”, mesmo com durabilidade superior ao “convencional”. Os camponeses de São Severino de Gravatá colhem as hortaliças, por exemplo, na sexta-feira e comercializam no sábado pela manhã. É, portanto, notável que “[...] os consumidores valorizam cada vez mais a autenticidade, os produtos recém-colhidos, o sabor e a diversidade e estão dispostos a remunerar produtores engajados em novas e apropriadas formas de sustentabilidade” (PLOEG, 2009, p. 29).

Veja-se como Valdomiro se reporta à comercialização na feira: “[...] viche Maria [...] tenho maior prazer do mundo [...], quando chego lá [...] fico muito feliz, eu sei o que to vendendo, sei o que to comendo, não to matando minha família, nem eu [...]” (SILVA, Valdomiro, 2009).

A característica turística de Gravatá e das cidades próximas torna-se um espaço aberto para comercialização dos produtos orgânicos sem atravessadores. Isso indica que:

Aspectos como paisagem rural, preservação e conservação ambiental, cultura e patrimônio histórico local, produção agrícola artesanal, gastronomia e o artesanato diversificado passam a ser valorizados e estimulados para atender a um público consumidor do Recife, arredores, Estados vizinhos e até internacional. (RODRIGUES, 2007, p. 23).

Os associados (AMA Terra) destinam os produtos para venda sem o selo/certificação e a comercialização acontece através de laços de confiança, entre a comunidade e os consumidores, inclusive são estimuladas visitas às propriedades. É uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia para “paralisar” o avanço opressor dos mercados competitivos,

que visam subordinar o camponês aos interesses da indústria, bem como se caracteriza através de manejo técnico alicerçado na ciência agroecológica, a negação da agricultura artificializada. A adoção da certificação ou não está sendo debatida. Os dizeres em confronto alinham “[...] a superação e substituição de razões de competição individualista, egoísta e predatória, construída por uma doutrina econômica absoluta do capital, por valores de solidariedade, cooperação e ajuda mútua” (GUTERRES; CADORE; QUADRADO, 2006, p. 133)

Na correlação observou-se que os sócios da Acempre reclamam mais visibilidade e apoio institucional para conscientizar consumidores do diferencial dos produtos comercializados. Os espaços comunitários reforçam laços de convivência e reavivam a história territorial camponesa, semeada pelos antepassados e reproduzida nos lugares. Para conquistar adeptos ao consumo de orgânicos, os produtos são classificados, em que o tamanho e aparência recebem atenção especial,

[...] a fim de conquistar ainda mais a fidelidade do consumidor. [...], uma das formas de se construir esta relação de confiança entre a produção orgânica e o consumidor é a utilização do selo de certificação, que proporciona a garantia de que o produto é produzido sobre as normas rígidas de produção e certificação do sistema orgânico. (ZORZANELLO, 2004, p. 7).

O papel do governo de Estado historicamente constituído desempenhou políticas em defesa da expansão e da ocupação dos territórios por empresas agrícolas. A implantação do modelo acercou-se de “[...] um conjunto de mistificações acerca do campesinato que passou a ser associado ao atraso e à precariedade, sendo considerado [...] um segmento social que não condizia em nada com a ideologia do progresso então em voga”. (PETERSEN, 2009, p. 8).

No entender de Petersen (2004, p. 6), “[...] diante do crescimento sem precedentes dos fluxos das *commodities* agrícolas promovido pela ordem econômica neoliberal, assistimos à reemergência e ao fortalecimento das cadeias curtas de comercialização e à revalorização dos produtos locais”.

Na Comunidade de São Severino inicialmente as orientações sobre o cultivo orgânico eram feitas pelo agricultor difusor. Atualmente, por intermédio da Prefeitura de Gravatá (Secretaria Municipal de Agricultura), destina um engenheiro agrônomo (Cleverland José Campos da Silva), que presta orientações à comunidade. Ele sai de Gravatá de ônibus até São Severino de Gravatá e presta assistência a pé, caminha entre 25 a 30 quilômetros por dia. Na ocasião das entrevistas ele nos acompanhou nesse percurso. O trabalho do agrônomo, que possui identidade com o movimento social dos Sem Terra, constrói as orientações em oposição à produção capitalista empresarial. Nas orientações técnicas valoriza o emprego do trabalho camponês, os conhecimentos acumulados, as potencialidades ecológicas e socioculturais do local. A interlocução entre camponeses e engenheiro agrônomo é facilitada: “[...] veja bem, de certa forma tenho [...] facilidade porque minha vida foi como agricultor, [...] minha família é de agricultores [...] com a formação agroeconômica [...] veio acarretar nesse acompanhamento [...]” (SILVA, Cleverland, 2009).

Nas atividades de campo, nas entrevistas e nas fontes midiáticas não foi identificada parceria entre AMA Terra e universidades próximas a Gravatá. A parceria entre o Capa, a Acempre e Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste favorece os camponeses no controle de pragas (como a vespinha/tricograma), em especial para eliminar a traça do tomateiro. O controle das pragas requer do camponês grau forte de persistência para aplicar diversificadas técnicas, como: cinamomo, alho, arruda, timbó, cravo-de-defunto, neem, urina de vaca, etc.

Segundo Oliveira (1999), reportando-se ao cultivo nos Brejos de Gravatá, identificou ausência de linhas de crédito para as necessidades dos agricultores com área inferior a 5 hectares e para aquisição de transporte próprio. Para reduzir os custos, essas questões foram reclamadas nas entrevistas pelos camponeses da comunidade de São Severino de Gravatá. Oliveira (1999) questionou, de modo geral, a atuação das associações. Nas atividades de campo e nas entrevistas realizadas na comunidade de São Severino de Gravatá não foi registrado descontentamento com a AMA Terra. Oliveira destacou algumas necessidades para favorecer a

permanência dos camponeses no campo (na região dos brejos): local para armazenamento dos produtos, para serem comercializados por valores mais altos e infraestrutura para o processamento das frutas no local. Para os camponeses da associação AMA Terra, um local para conservar as hortaliças e frutas poderia ser importante, mas as prioridades devem ser debatidas e definidas na associação. Na Acempre foi concretizado o projeto da câmara fria, com objetivo de armazenar os produtos que são destinados aos mercados, à feira e os que são comercializados na associação.

Na correlação, observou-se que, em ambas as associações, existe dificuldade em produzir fora de época. Assim, parte significativa dos camponeses, por não possuírem estufas, sofrem com as variações climáticas em alguns meses do ano. Na fala do camponês Valdomiro desponta a necessidade de possuir estufa, para manter a diversidade do cultivo no inverno: “[...] o único desafio que a gente tem pela frente [...] na região da gente [São Severino de Gravata] [...] não é praga, não é nada, é porque no inverno a produção cai [...] fazer estufa, [...]” (SILVA, Valdomiro, 2009).

A descontinuidade gera dificuldade para assegurar a regularidade, a qualidade, a quantidade e a diversidade de produção e, em parte, passa a ser um fator limitador ao aumento do consumo de orgânicos. A incorporação de estufa requer planejamento da estrutura, ajuste técnico da localização, avaliação do investimento econômico e origem e qualidade da água. O sistema de irrigação é adotado pelos camponeses das duas associações. Os camponeses da AMA Terra e da Acempre, alicerçados na diversificação multifuncional, são responsáveis pela produção de alimentos saudáveis, ocupação da mão de obra da família, em sintonia com as mudanças econômicas, climáticas e socioculturais.

3. Associativismo e Agricultura Camponesa: Marechal Cândido Rondon

As inter-relações, de modo particular, entre ambas as associações e a articulação exercida pelo cultivo orgânico em Gravatá e em Marechal Cândido Rondon desenharam um “[...] conjunto de fenômenos que se insinua quase imperceptível para o conjunto da sociedade e pode ser sintetizado pela noção de recampesinização do mundo rural” (PETERSEN, 2009, p. 6).

Na Acempre, com apoio do Capa, são traçadas estratégias para a permanência do camponês no campo, produção para o autoconsumo, transformação no hábito alimentar, expansão do mercado da horticultura orgânica, emprego de técnicas mais seguras, mais comprometidas e mais alinhadas com o sistema agroecológico. O controle de pragas e de doenças em plantas e em animais é realizado com a recomposição e a preservação dos recursos naturais, alicerçado no equilíbrio ecológico das propriedades e no trabalho firmado na colaboração mútua entre os integrantes da propriedade.

Na operacionalização das atividades, eles seguem um calendário/planejamento para cultivar e entregar sua colheita. Isso evita o excesso da produção do mesmo produto e gera autonomia/“empoderamento” na definição dos preços pelos integrantes da associação. Portanto, “[...] a condição camponesa consiste na luta por autonomia [...] como uma forma de construção e reprodução de um meio de vida rural em um contexto adverso caracterizado por relações de dependência, marginalização e privação” (PLOEG, 2009, p. 18).

As atividades são planejadas de forma contínua, em longo prazo, distanciando-se da exploração acelerada e imediata. Segundo Hedel (apud ZORZANELLO, 2004, p. 56), “[...] a venda dos produtos não é mais feita do produtor pro mercado, [...], é feito através duma associação, [...], o produtor colhe [...] dá uma pré-classificada, [...] a associação dá mais uma classificada e embala, [...], aí vai o selo da própria associação e da garantia que é um produto orgânico [...]”.

As dificuldades mais acentuadas acontecem no período de safra geral (orgânicos e convencionais). Neste período, a oferta maior dos produtos chamados “convencionais” a preços mais baixos e com “boa aparência” acaba seduzindo e reduzindo o número de consumidores para os produtos orgânicos. Sabe-se que, no contexto da comercialização, existe uma parcela da população que não consome produtos orgânicos porque seu poder aquisitivo não o permite. Isso é diferente da abundância de consumidores que o turismo atrai para Gravatá e cidades próximas,

fator que contribui para a comercialização das hortaliças e das frutas produzidas pelos associados da AMA Terra. Verificou-se, entre os camponeses de ambas as associações, comprometimento e fidelidade com a qualidade das hortaliças e frutas produzidas. Nas palavras de Hedel (apud ZORZANELLO, 2004, p. 56), “[...] surgiu o trabalho do Capa, [...] que é buscar informação [...]. A gente conseguiu trabalhar no orgânico, [...] a outra parte é o consumidor, [...] que você vai vender um produto e estar com a consciência tranqüila [...]”.

Em Marechal Cândido Rondon, o terreno não é tão acidentado, comparado com São Severino de Gravatá. Isso facilita a colheita. Os agricultores destinam os produtos para serem comercializados na Acempre, na feira municipal, nas feiras realizadas nos bairros e sistematizaram um espaço para comercializar seus produtos nos principais supermercados do município. A efetivação e a valorização dos produtos orgânicos ganha força e é reforçada pela certificação, pois participam da feira municipal camponeses que comercializam seus produtos sem a certificação. O caminho para certificação/selo orgânico é longo, pois o solo passa por análise, é avaliada a fertilidade e o nível de contaminação por agentes químicos, procedimentos esses que indicam o período necessário para a descontaminação e a recuperação do solo para a agroecologia.

O cuidado com o solo é intenso (como cobertura orgânica com feno e palha, o que contribui com a umidade do solo). Solo saudável produz plantas fortes, mais resistentes ao ataque de pragas. A aplicação de adubo orgânico composto é feita entre 20 a 30 centímetros de profundidade. Na complementação da adubação utiliza-se calcário natural com cinza e adubação verde (restos de hortaliça, ervas daninhas, gramíneas). A compostagem é feita com esterco curtido, geralmente obtido na propriedade. O manejo seguro do esterco é reforçado pelo assessoramento técnico, pois a falta de cuidado pode resultar em poluição do ar, da água e dos alimentos. O local é cuidadosamente escolhido, sendo plano (evita transbordo do líquido) e com sombra. Os camponeses (Acempre) em alguns momentos adquirem adubos orgânicos. Para assegurar-se da qualidade, consultam profissionais do Órgão Certificador. Por outro lado (em ambas as associações), esse cuidado não pode ser aplicado com tanto rigor na compra de sementes de hortaliças – embora já exista significativo avanço com a recuperação das sementes orgânicas e crioulas, ainda se não atende à necessidade por completo em variedade/adaptação ao clima.

Os camponeses identificados com o cultivo orgânico são adeptos da conservação da reserva legal e da mata ciliar próxima a nascentes e a córregos. Em São Severino, a adubação orgânica é feita na propriedade. Em muitos casos, a obtenção do esterco só é possível através da compra. Algumas propriedades são muito pequenas, portanto não é possível criar animais para a obtenção do esterco. Além disso, na atividade de campo em São Severino de Gravatá observou-se ausência de mata ciliar em torno dos mananciais.

Em Marechal Cândido Rondon, com o passar dos anos, os camponeses agroecológicos recebem mais assistência técnica, com profissionais capacitados e com perfil agroecológico, mas o sistema de assessoramento motiva pontos críticos e dissensos entre os associados. O Capa presta apoio técnico geral, inclusive articula capacitação do camponês para aplicar homeopatia, mas esse trabalho não consegue ser mais intenso pela carência de recursos. Os dissensos podem ser observados na íntegra no conjunto de depoimentos:

[...] o assessoramento técnico [...] é muito precário, porque se pensa mais em marketing, eu digo bem claro isso, em marketing dos técnicos do CAPA, do que no marketing do produtor [...] que o apoio dos técnicos ao produtor é, eles deixam muito a desejar [...]. (entrevistado Bruno STOEF, 2003 apud ZORZANELLO, 2004, p. 24 grifos do autor)

[...] teria muito, o que questiona, porque sempre tem alguma coisa pra melhora [...] mas na medida do necessário o pessoal do CAPA, tem vindo atrás procurar, de que forma eles podem ajudar, do que a gente tem que correr lá [...]. (entrevistado Livar J. KAISER, 2003 apud ZORZANELLO, 2004, p. 25).

[...] falta um pouco, às vezes o diálogo entre o Capa e os agricultores, as vezes uns é valorizado mais que o outro, mais essa diferenciação não poderia

existir, porque se às vezes o colono procura um socorro, [...] o primeiro lugar ele procura o técnico e se o técnico diz, amanhã eu vou lá e passa um ano sem ir lá, isso é um descrédito [...]. (entrevistado Reinaldo SPIER, 2003 apud ZORZANELLO, 2004, p. 25)

Os desafios são muitos, mas não intransponíveis, como ampliação da assistência técnica contínua e auxílio financeiro ao camponês no período crítico da reconversão do solo, período em que não pode comercializar seus produtos como sendo orgânicos e a produção é menor. Nesse contexto hostil, precisa proteger a sua propriedade com barreiras verdes (quebra-ventos) da remanescente agricultura “convencional”. É incompressível que o camponês que resiste, que produz alimentos de qualidade, que seja ele que tenha que proteger a sua propriedade ou até trocá-la por outra, para livrar-se do veneno que adentra empurrado pelo vento. Conforme Zorzanelo (2004, p. 47), reportando-se à situação vivenciada por Reinaldo Spier: “Para dar continuidade ao cultivo da produção agroecológica, o agricultor precisou vender sua propriedade com toda infraestrutura montada, inclusive com sistema de estufa e irrigação”. Entende-se que deveria ser diferente, ou seja, que o usuário de insumos é que deveria cercar a sua propriedade para reter os resíduos químicos. Ao ocorrer a contaminação das verduras e das frutas, ao camponês resta a comercialização “convencional”.

Outro assunto são as sobras da comercialização. Aos poucos, os associados da Acempre buscam soluções para as sobras/retornos (produtos que não são comercializados). No caso, esses produtos, ou são consumidos pelos camponeses (transformados em doces, em conservas, em polpas), ou são destinados para compostagem, para alimentar os animais, para doação a entidades e estão viabilizando, aos poucos, o processamento de frutas. A perspectiva dos camponeses das associações estudadas é cultivar os produtos que são consumidos na propriedade, mas também atendem à preferência do consumidor/comunidade local.

A disseminação e a incorporação da agroecologia enquanto prática social, pelas associações e pelos movimentos sociais, reforça as lutas camponesas. Trata-se, na prática, da experimentação articulada por entidades associativas e assessoria técnica, que promoveu a territorialização e a capilarização da agroecologia, pelas regiões brasileiras. Conforme estudos recentes,

[...] experiências em transição agroecológica no Paraná indicam que as produtividades médias são superiores às dos sistemas convencionais e que, nos casos mais avançados, alcançam 9 toneladas por hectare (t/ha) para o milho, 3 t/ha para o feijão e 3,3 t/ha para a soja. (WEID, 2004, p. 61)

O estreitamento e a aproximação mais intensos entre as entidades por meio de intercâmbios colocam em evidência os laboratórios práticos/criativos e o adensamento de experiências disseminadas pelo país. O conjunto das ações práticas desenha cultivos saudáveis, eliminação do uso de veneno, menor custo com tecnologia (adubo, semente, equipamentos, combustível) e mais retorno para o camponês. Desse modo, para Vanderlinde (2002), a organização (Acempre) objetiva promover a união dos agricultores, visando à diversificação da produção e à comercialização, e desenvolve tecnologias adequadas à preservação do meio ambiente.

A realização de encontros regionais com palestras e monitorias serve de espaço para debater as estratégias discursivas em confronto com o poder econômico-político-ideológico e construir um outro discurso, diferente do que prevalece nos meios de comunicação falados e impressos. A prática discursiva motivada por órgãos responsáveis pelas políticas públicas reorientou as falas e, apesar das evidências da insustentabilidade da agricultura industrial, mantém consideravelmente o condicionamento discursivo em benefício das corporações.

5. Considerações Finais

No comparativo entre Marechal Cândido Rondon (Extremo Oeste do Paraná) e Gravatá (Agreste Pernambucano) foram observadas as diferenças, as semelhanças e as complexidades internas das áreas.

O processo de modernização da agricultura teve como objetivo alargar a produção e a produtividade da terra, bem como, transformou profundamente as relações socioeconômicas. Da análise das fontes jornalísticas foi possível observar as reações por parte dos camponeses (do Extremo Oeste do Paraná) à agricultura dos venenos. A reinvenção das práticas camponesas é fortalecida no seio do associativismo da AMA Terra e da Acempre. Os camponeses das associações em questão praticam e ressaltam o cultivo orgânico estabelecido na sua (re)existência. Tanto em Gravatá como em Marechal Cândido Rondon observou-se a importância atribuída à prática da agricultura camponesa inserida no modo de viver, no conhecimento tradicional acumulado, nas inovações construídas localmente, na preservação da identidade cultural, alicerçada no respeito à sociobiodiversidade. A articulação escrita e prática do estudo evidenciaram a capacidade da AMA Terra de Gravatá em estimular a autonomia do camponês (agentes do processo de desenvolvimento) e possibilitar a comercialização dos produtos eliminando o atravessador. Em Marechal Cândido Rondon, da gestão do associativismo surgiu a idealização dos associados da Acempre em estruturar um “mercado popular,” para dinamizar a comercialização da produção em local fixo e com característica mais apropriada aos produtos comercializados. A incorporação das frutas e das hortaliças para a elaboração da merenda escolar, em Gravatá, injetará mais energia na associação e mais qualidade na alimentação dos estudantes. Ao estudar o conjunto organizativo do associativismo regional, interessou diagnosticar a tática agroecológica e a interferência direta no modo de viver, que oferece condições de satisfação no trabalho, garante nutrição, rentabilidade econômica para usufruir das invenções humanas e respeito à natureza pelo convívio harmônico. Nas leituras e trabalho de campo verificou-se o estímulo de métodos participativos, que valorizam os saberes acumulados dos agricultores, culminando com projetos de desenvolvimento rural pautados em sistemas agrícolas diversificados, que buscam o equilíbrio e o valor nutritivo das plantas (rotação de culturas), a fertilidade do solo, nutrientes, luz solar, umidade, organismos resistentes e controle biológico dos insetos e das doenças. As dimensões das particularidades tendem a se fortalecer na luta pelo reconhecimento de suas identidades e direitos:

[...] o traço de união entre todas essas categorias parece ser sua condição de *agricultores territoriais*, [...] são grupos sociais que se constituem em função da preferência ao patrimônio familiar e ao pertencimento à comunidade rural. Seus interesses e suas demandas sociais os tornam artífices das condições concretas de vida nos espaços locais e das formas de sua inserção na sociedade mais geral. (WANDERLEY, 2009, p. 40).

Ambas as associações, com avanços e recuos, buscam alternativas para a permanência do camponês no campo. O trabalho desenvolvido faz frente às políticas que promovem a descapitalização do camponês e o ataque ao meio ambiente. Assim, portanto, a perspectiva das associações fundamenta suas ações na disseminação de práticas alternativas, econômica e ecologicamente viáveis, em oposição ao modelo de desenvolvimento capitalista e ao papel da extensão oficial, contrapondo-se aos ‘pacotes’ da modernização/especialização e à dependência firmada pela integração do pequeno agricultor à agroindústria de alimentos.

Os camponeses integrantes da Acempre receberam discursos produzidos por funcionários de instituições como Acarpa/Emater, Copagril, Banco do Brasil, Prefeitura Municipal. Tais discursos eram direcionados aos agricultores através da Rádio Difusora do Paraná, sediada no município. Os camponeses aderiram ao modelo, mas, ao longo dos anos, com as consequências socioeconômicas e ambientais negativas, passaram a questioná-lo e, aos poucos, receberam o contradiscurso, articulado pelos integrantes do Capa. Por outro lado, em São Severino de Gravatá, segundo informações coletadas nas entrevistas, o contato com o cultivo de flores e o uso de venenos foi estimulado pelas agropecuárias, mas um elevado número de camponeses já cultivava verduras e frutas sem o uso de agrotóxicos. O problema

enfrentado pelos camponeses era a comercialização do excedente. Este era direcionado para o Centro de Abastecimento Alimentar de Pernambuco (CEASA/PE), mas o valor recebido pelas hortaliças e pelas frutas inviabilizava a sobrevivência do camponês. Nesse contexto é que foram assumidas e implantadas ações locais que eliminaram o atravessador, estimularam o associativismo e contribuíram com aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais. Portanto, “[...] em vez de desaparecer diante das conjunturas cada vez mais asfíxiantes, como proclamam muitos teóricos e políticos, o campesinato se redefine como um ator contemporâneo” (PETERSEN, 2004, p. 15).

A convivência entre apoio técnico e associados da Acempre não é feita de consensos, mas nos dissensos aparecem as necessidades almejadas: assistência mais ágil, integral e *in loco*. Aos associados do AMA Terra, a assistência é feita *in loco* e semanal – poderia tornar-se integral, com ampliação da equipe técnica, com perfil agroecológico e conhecimento em homeopatia, aplicada em plantas e em animais. Os associados da AMA Terra não apresentaram descontentamento com a assistência técnica recebida, pois se observou que há um vínculo de afetividade entre o assistente e os associados. A mobilização de forças socialmente ativas de camponeses, consumidores, pesquisadores, representantes públicos consolida a identidade camponesa, estimula dinâmicas de disputa pelo território ou, melhor, legitima o direito ao território e faz frente à desterritorialização promovida pelo agronegócio. A autonomia camponesa (“agricultores territoriais”) e a formação de redes sociais, desvinculadas da dependente racionalidade material, converge na gestão/tradução de projetos próprios/locais, éticos, estratégicos, fundados na sociabilidade/resistência, balizados em métodos de manejo criativos e eficientes na gestão dos agrossistemas, que atende às necessidades humanas, conserva e melhora os recursos naturais, economicamente viáveis e socialmente justos.

Referências

ALENCAR, Ana Lúcia Hazin. **Estilo de vida e sociabilidade**: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, Pernambuco. Recife, 2007. 219 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **Reforma agrária e pluriatividade no Rio de Janeiro**: repensando a dicotomia rural-urbana nos assentamentos rurais. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Trad. Patrícia Vaz. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. **O desafio ecológico**: utopia e realidade. São Paulo: HUCITEC, 1994.

ASSOCIAÇÃO de agricultores de orgânicos AMA Terra inaugura no domingo a sede da sua cooperativa. Capturado em 05 fev. 2009. Online. Disponível na Internet http://www.prefeituradegravata.com.br/ver_noticia.php?id=346.

BRITO, Francilene Alves. **Comunicação de massa e memória rural**: o caso da Rádio Vale do Quincoê. São Paulo, 1994. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes.

FUNDAÇÃO da Associação de São Severino anima produtores de orgânicos do município. 9 fev. 2009. Capturado em 01 mar. 2009. Online. Disponível na Internet http://www.prefeituradegravata.com.br/ver_noticia.php?id=354.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Geografia do Brasil**: Região Nordeste. Rio de Janeiro: SERGRAF, 1977. v. 2

GUTERRES, Ivani. **Agroecologia militante**: contribuições de Enio Guterres. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

HESPAÑHOL, Antonio Nivaldo. Políticas públicas, modernização e crise da agricultura brasileira. **Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v.1, n., p. 38-49, 1997.

IMPrensa-MÍDIA: Gravatá em destaque no Jornal do Comércio de hoje, dia 29. Capturado em 05 fev. 2009. Online. Disponível na Internet http://www.prefeituradegravata.com.br/ver_noticia.php?id=330.

LIMA, Cláudia Albuquerque de. **Representação em imagens equivalentes**. Recife, 2001. 140 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco.

MERTZ, Urbano Theobaldo. **Um estudo das transformações sociais e econômicas de uma sociedade de colonos da região oeste do estado do Paraná**. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 63-110.

OLIVEIRA, Érica Patrícia Barbosa de. **A comercialização dos produtos da fruticultura, da floricultura e da horticultura no Brejo de Gravatá em Pernambuco**. Recife, 1999. 114 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PETERSEN, Paulo. Introdução. In: PETERSEN, Paulo (Org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 5-15.

PLOEG, Jan Douwe van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSEN, Paulo (Org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 17-31.

RODRIGUES, Margarita de Cássia Viana. **Desenvolvimento local, turismo e lazer no agreste central de Pernambuco**. Seropédica, RJ, 2007. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. **Nas ondas do rádio**: a viabilização da modernização agrícola no oeste do Paraná (1960-1980). Maringá, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá.

SILVA, Cleverland José Campos da. **Entrevista concedida a Marli Terezinha Szumilo Schlosser**. Gravatá, PE, 11 ago. 2009.

SILVA, Maria de Fátima da. **Entrevista concedida a Marli Terezinha Szumilo Schlosser**. Gravatá, PE, 10 ago. 2009.

SILVA, Valdomiro José. **Entrevista concedida a Marli Terezinha Szumilo Schlosser**. Gravatá, PE, 2009.

STAUDT, Jair Fridolino Lunkes. **A modernização na agricultura**: um estudo de caso, Marechal Cândido Rondon na década de 1970. Marechal Cândido Rondon, 2000. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – UNIOESTE – Colegiado do Curso de História.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Estratégias de vida**: agricultura familiar e formas associativas: um estudo de caso – Capa – núcleo oeste. Niterói, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baude. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. In: PETERSEN, Paulo (Org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 33-45

WEID, Jean Marc von der. Um novo lugar para a agricultura. In: PETERSEN, Paulo (Org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 47-65

ZORZANELLO, Pedro Leonir. **Horticultura orgânica em Marechal Cândido Rondon**: estudo de caso, produção e comercialização. Curitiba, 2004. 75 f. Monografia (Especialização em Agronegócio) –